

intuítos que êle revela numa crise em que a meu ver corre perigo a sorte da monarchia *libertadora* e com ella a existência da pátria unida e una.

Ontem conversei com o Visconde (1), êle disse-me que me entendesse com você novamente e eu esperei-o. Mas pensando bem vejo que é impossível entendermo-nos mais. Se adoptássemos um qualquer *modus vivendi* hoje, nós ambos o infringiríamos sem querer amanhã, levados pelas duas correntes opostas de idéias e aspirações que representamos.

Não me resta assim senão pedir-lhe o obséquio de declarar pelo *Paiz* que deixei de fazer parte de sua redacção, ou como você melhor entenda. Este passo que dou e que me é impôsto tanto pela minha consciência de monarchista e de brasileiro como pela necessidade de ter a mais completa liberdade de acção na imprensa neste momento difícil e crítico para as instituições nacionaes tôdas, não alterará em nada, estou certo, os sentimentos pessoais que tão estreitamente nos ligam. Quanto ao *Paiz*, não preciso dizer-lhe, que eu nunca poderia riscar do meu coração os anos de 86, 87 e 88, a lembrança da hospitalidade que nêle encontrei, nem a memória dos serviços incalculáveis que êle prestou, sob sua direção, à causa abolicionista.

Creia-me, meu caro Quintino, sempre seu

Am.º Velho e dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A José Mariano

Não é possível separar nas lides da Abolição em Pernambuco os nomes de José Mariano Carneiro da Cunha e de Joaquim Nabuco. Tribuno popular de grande prestígio, chefe Liberal na cidade do Recife, ardente abolicionista, foi o condutor da admirável actividade secreta do Clube do Cúpim, cujo fim era auxiliar a fuga de escravos e pô-los em caminho da liberdade.

(1) Visconde São Salvador do Matozinhos, português, proprietário de *O Paiz*, de que Quintino Bocaiuva era director.

pendente da oligarquia despeitada. É por isso que apoio ainda o governo e o apoiarei não sei até quando.

Mil saudades à Baronesa e Carlotinha que ainda hão de ver-me em Grosvenor Gardens.

Um abraço apertado do seu Am.º dedicadíssimo

JOAQUIM NABUCO.

A Quintino Bocaiuva

Jornalista profissional, dos mais brilhantes e corajosos de sua época, republicano desde 1870, quando fundou o jornal A Republica e deixou o partido Liberal, sacrificando sua carreira política, Quintino lutou pela Abolição, como todo republicano. Nos últimos anos da campanha abolicionista, êle e Nabuco trabalharam pela causa comum em íntima união, na redação de O Paiz, o grande jornal de que Quintino era diretor. A aproximação da República colocou-os em campos opostos. Ao ser ella proclamada, Quintino foi levado à pasta dos Exteriores como um triunfador. Joaquim Nabuco conta em Minha Formação da sua admiração nos tempos de estudante, pelo illustre jornalista que lhe « deu a primeira idéia de um polemista destemido ».

68 Praia do Flamengo.

22 de junho de 1888.

Meu caro Quintino,

A inconciliável divergência em que me acho com o espírito, o alcance e o propósito do programa que você traçou para *O Paiz* no seu artigo de ontem (*Agitação Social*) veio tornar impossível a minha permanência n' *O Paiz*, já dificultada na véspera pelo seu *veto* à publicação do meu artigo contra o Manifesto Paulino e a agitação republicana do escravismo intransigente.

Pela amizade que lhe tenho, pela gratidão que devo ao *Paiz*, e também pela lealdade que foi sempre a primeira das minhas preocupações para com as causas que sirvo, é-me impossível continuar a servir ao *Paiz* com o programa que êle adotou e os

Rio, julho 1888.

Meu caro José Mariano,

« Afinal, dirá você, o Nabuco me escreve! » Mas na guerra como na guerra, até hoje não tenho descansado e assim se não nos escrevemos é porque estamos trabalhando juntos pela mesma causa.

O Beltrão, entretanto, com quem você se corresponde, disse-me hoje na Câmara que você havia lhe manifestado contentamento por ter-me eu declarado contra o ministério. É preciso, à vista disto, que eu lhe escreva para você conhecer bem a minha atitude. Essa não mudou. Eu estou hoje onde estava ontem. Combato o João Alfredo no terreno dos bancos hipotecários como o sustentei no da abolição pelos mesmos motivos. Estou longe, porém, de o querer derribar de qualquer forma juntando-me com os reacionários escravistas. Se êle quiser cair, cai com os olhos abertos. A minha posição é especial, exatamente porque o João Alfredo está sendo atacado pela lei de 13 de maio, causa principal do ódio contra êle, e porque estou mais identificado com o abolicionismo do que com qualquer partido que me parecem todos igualmente plutocratas. Eu hoje luto por idéias e não por partidos. Nas idéias sou intransigente; quanto aos partidos não me presto mais a galvanizá-los. Estão mortos e bem mortos. Para fazer coisa nova é preciso novos instrumentos. Os que nos vieram da escravidão são cabos de chicote e pedaços de tronco que não servem para a reorganização do país.

Ocupo assim na Câmara uma posição solitária, que corresponde ao meu ideal não direi político, mas popular. Você tem a alma do povo, eu tenho a consciência. Nós nos separamos apenas aparentemente — porque no fundo nos completamos. Hoje como ontem, amanhã como hoje. Deixe os partidários desgostarem-se de mim: estou fazendo a única política verdadeiramente democrática que possa existir no país. Os partidos esmagam o povo. Ambos êles são exploradores e, mal começa, o republicano já está adorando o bezerro de ouro. Eu oponho-me aos bancos porque quero a pequena propriedade, a dignidade do lavrador, do morador, do liberto — a formação do povo

que está ainda abaixo do nível dos partidos. Não considero o interesse de nenhum partido, mas somente do povo que nada pode fazer por si porque ainda nem sequer balbucia a linguagem de seus direitos.

Eu sei que a minha atitude tem aí desagradado muito ao partidarismo. Mas o que queria êle que eu fizesse! O Dantas está no mesmo ponto de vista que eu. Ainda ontem êle me dizia: « O constrangimento que nós teríamos em derribar o João Alfredo com os escravocratas devia ter o Andrade Figueira para não sustentá-lo depois da abolição. » Eu sigo o meu caminho pela bússola que no deserto mostra o norte tão seguramente como se em tórno de mim todos me estivessem dizendo onde êle estava.

E deixe-me dizer-lhe, meu caro amigo, você não está aqui, seu temperamento o terá feito muita vez explodir contra o ministério, você se terá sentido humilhado vendo o seu liberalismo suspeitado pela parte do partido que é orgânicamente conservadora e até reacionária, mas eu sinto que você me compreende e me aprova, ainda que você talvez estivesse procedendo de outro modo.

Isto me consola, mas confesso-lhe que a retirada do Antônio Carlos (1) da política tirou-me a vontade de também continuar nela. Um homem em geral não leva a efeito mais de uma idéia. Eu dediquei-me todo à abolição; feita ela, creio que estou autorizado a querer pelo menos refazer o meu cérebro que foi todo vazado naquele molde durante dez anos. A Federação deve ser você. Você pode levantar um novo partido — tão forte como foi o abolicionista. Eu o sustentarei, mas eu mesmo não me sinto com forças para êsse novo esforço, quero dizer, para pôr-me à frente dêle, e êle requer um homem. Falo do Norte. Levante-se, meu caro amigo, e comande!

Eu hoje estou fora dos partidos pessoais e dentro das idéias, às quais reconheci sempre circunferência bastante larga para abranger todos os homens de boa-vontade para servi-las, qualquer que fôsse o seu batismo político. Por isso não serei mais candidato. Estou em uma verdadeira evolução na qual os par-

(1) Antônio Carlos Ferreira da Silva, o braço direito de Nabuco em diversas eleições.

tidos me causam o efeito de sombras impalpáveis e o povo de uma imensa chaga aberta em nosso território infeliz. A abolição desatou muitos laços, submergiu muitas posições, transformou tudo e abalou todos. Estou certo porém que ela não fêz senão tornar-nos nós dois ainda mais unos do que éramos.

Mil saudades e minhas recomendações à dona Olegarinha que nestes meses pelo menos não terá tido ciúmes de mim. Contanto que ela não venha a tê-los do Ulisses! (1) Mas se vocês não se deixassem, era o caso de, mesmo fora da política, eu ir até o Recife divorciá-los.

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao dr. Antônio José da Costa Ribeiro

Importante advogado no Recife, deputado por essa província, amigo e correligionário de Nabuco.

Rio, 17 de julho de 1888.

Meu carô e ilustre Amigo,

Desde que daí parti nada absolutamente tenho sabido da política do nosso grupo. Eu mesmo sustentei o João Alfredo com tôda a fôrça para êle ter o prestígio preciso (todos procedendo como eu, está claro) para impôr a lei em dias ou horas. Últimamente porém o João Alfredo tem ido pedir informações ao Figueira, que o envolveu em um projeto de bancarrota nacional destinado a encampar a dívida perdida da escravidão; e eu fui forçado a atacar o ministério, com fôrça e a fundo. Ninguém entretanto se entende em política, o partido Liberal é uma multidão e não um exército, e assim não há sequer a vantagem em derribar o ministério, porquanto o sucessor poderia até ser o próprio Paulino. Eu acho-me portanto na mesma posição de *Independente* em que me coloquei no partido Liberal,

(1) Ulisses Viana, deputado liberal por Pernambuco.